

DOSSIÊ TEMÁTICO

Articulando raça, gênero e sexualidade para pensar a construção social das múltiplas masculinidades negras

Alexandre Bortolini¹

Leonardo Morjan Britto Peçanha²

Jonas Alves da Silva Junior³

Sérgio Luiz Baptista da Silva⁴

¹ Pedagogo e Comunicador Social. Doutorando em Educação (USP). Visiting Research Scholar no PhD Program in Sociology da City University of New York (Fulbright alumni). Mestre em Educação pela PUC-Rio. Atualmente é Professor Substituto do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: bortolini.alexandre@gmail.com

² Bacharel e Licenciado em Educação Física (UNSUAM). Doutorando em Saúde Coletiva (IFF/FIOCRUZ). Mestre em Ciências da Atividade Física (PPGCAF-UNIVERSO), especialista em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMSUERJ). Pesquisador no ODARA - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade. Email: contato@leonardombpecanha.pro.br

³ Graduado em Letras (USP) e Pedagogia (Uninove). Mestre em Letras, Doutor e Pós-doutor em Educação pela USP. Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente é Pró-Reitor Adjunto de Assuntos Estudantis e líder do LEGESEX - Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (UFRRJ/CNPq). Email: jonasjr@usp.br

⁴ Graduado em Letras Português Francês pela USP. Mestre em Letras e Doutor em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela USP. Atualmente é Professor Associado II do Departamento de Didática da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor colaborador e convidado do Curso de Mestrado Profissional Direitos Humanos, Justiça e Saúde: gênero e sexualidade e do Curso de Especialização em Direitos Humanos, Racismo e Saúde: a questão negra do Departamento de Direitos Humanos e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Líder do Laboratório de Pesquisas, Estudos e Extensão em Gêneros, Sexualidades e Raça em Educação e em Direitos Humanos (GE-SER). Email: serggioluiz@uol.com.br

Em 1952, Franz Fanon publicava o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, uma obra fundacional para pensar o lugar do homem negro em sociedades colonizadas. Em 1979, o jornal *O Inimigo do Rei* estampava uma matéria de capa de Hamilton Vieira: "Além de Preto, Bicha!", que trazia depoimentos de gays negros sobre a experiência de discriminação no encontro entre racismo e homofobia. Em 2015, Leonardo Peçanha contava ao portal Geledés os desafios da transmasculinidade negra e como a transição o levou da objetificação sexual para o estigma da ameaça. Como se pode ver, o debate sobre masculinidades negras não é uma novidade, embora esse campo venha ganhando cada vez mais espaço e adesão nos últimos anos. A entrada massiva de pessoas negras no ensino superior a partir das políticas afirmativas, não só na graduação, mas na pós e na docência, tem ampliado as condições para a expansão de uma reflexão crítica que articule negritude e masculinidade, produzida não a partir de categorias produzidas pela branquitude, mas de epistemologias e perspectivas afrocentradas.

Esse é um campo que bebe de muitas fontes. Os estudos pós-coloniais, que tem Fanon como um de seus principais elaboradores, nos ajudam a perceber como o lugar simbólico e material dos homens negros em sociedades colonizadas foi produzido a partir de intensas tecnologias de desumanização, que definiram a construção de masculinidades racialmente demarcadas, atravessadas por experiências de subalternidade, exploração, marginalização e violência. Nas suas obras, Fanon nos ajuda a refletir sobre o desafio de homens negros de construir a sua humanidade em um contexto em que o humano é definido como branco. Seu trabalho colabora para que consigamos perceber como a cultura do embranquecimento, presente em muitas sociedades que vivenciaram processos intensos de dominação étnico-racial, ainda marca várias dimensões da vida de homens negros, da construção da nossa identidade às nossas relações afetivo-sexuais. Fanon nos dá não só elementos teóricos como também horizontes políticos, que apontam para a construção de narrativas próprias sobre quem somos e o que podemos ser, mesmo em um contexto ainda marcado por profundas

assimetrias simbólicas e desigualdades materiais. Nesse sentido, Fanon nos ajuda a pensar os homens negros desde uma perspectiva não essencialista, que rejeita as representações produzidas pelo colonizador ao mesmo passo que não busca uma definição identitária estrita - ainda que positivada, necessariamente reducionista. Uma perspectiva que entende a multiplicação das possibilidades de ser como parte fundamental do processo de descolonização das nossas subjetividades e reconstrução da nossa humanidade.

Considerando também a fundo os processos de dominação colonial e as estruturas neles forjadas que, ainda que atualizadas, permanecem nas nossas sociedades, a produção decolonial ou anticolonial traz contribuições importantes. Sua abordagem histórica nos ajuda a compreender como as articulações entre raça, classe e gênero na constituição do projeto colonial produziram não uma dicotomia linear entre homens e mulheres (entendidos a partir do pseudouniversalismo egocêntrico da branquitude), mas uma economia de relações sociais complexas em que homens negros estão longe de uma condição de privilégio. Nessa perspectiva, a ordem sexual e de gênero das nossas sociedades não é nem simples expressão local de um patriarcado universal e onnipresente na história, nem mero prolongamento da ordem sexual da metrópole, mas um ordenamento específico, em que os processos de generificação que experimentamos se deram articuladamente à dominação étnica e sua naturalização em uma gramática racial. Perceber o gênero, assim como a raça, como uma produção colonial permite também aproximar campos de pesquisa e bases teóricas na construção conjunta de horizontes de luta que perseguem a superação simultânea de formas generificadas e racializadas de dominação.

Do feminismo negro vem um aporte imprescindível. A noção de interseccionalidade, construída por mulheres negras nos Estados Unidos e também no Brasil desde pelo menos os anos 1980 vai ser fundamental para pensar também a construção das masculinidades negras. A crítica que fazem ao feminismo branco nos

ajuda a superar elaborações teóricas sobre as relações de gênero que tratam como universais os dilemas particulares da branquitude e atentar para as múltiplas posições a partir das quais os sujeitos vivenciam e confrontam nosso ordenamento social generificado. Além disso, a denúncia que fazem das violências e das assimetrias entre homens e mulheres negras aponta para uma importante crítica sobre a reprodução, entre nós, de modelos patriarcais nocivos, cuja superação é passo inescapável na construção de uma atuação coletiva simultaneamente anti-racista e anti-sexista.

De pesquisadores e pesquisadoras negras LGBTQ+ vinculadas aos estudos de gênero, aos estudos gays e lésbicos, ao transfeminismo ou à teoria queer vem outra série de contribuições. Por um lado, uma crítica a compreensões da negritude limitadas por uma perspectiva cis-heteronormativa - ela mesma produto de investimentos coloniais - que invisibiliza a pluralidade de formas de construção e vivência das masculinidades negras. Uma crítica que demanda a reelaboração das narrativas sobre nossa ancestralidade no sentido de reconhecer e incorporar as múltiplas práticas, cosmologias e arranjos sociais que, de muitas maneiras, escapavam aos limites da cisgeneridade heterossexual, presentes nas sociedades das quais descendemos. E também a reelaboração do nosso passado mais recente de luta, reconhecendo o papel importante de ativistas e pensadores LGBTQ+ no percurso de construção do movimento negro e da luta anti-racista.

Por outro lado, uma forte crítica a um pensamento queer embranquecido que ignora as intersecções de raça e classe na constituição da experiência das dissidências sexuais e de gênero. Ao contrário de teorizações incapazes de compreender o entrelaçamento entre diferentes sistemas de opressão, esse conjunto de pesquisadoras e pesquisadores aponta para abordagens que miram a articulação simultânea entre racismo, sexismo e lgbtfobia na construção de um complexo sistema de discriminação e privilégio. Contribuem para pensar as masculinidades negras em sua multiplicidade, não só no que diz respeito a orientação sexual e identidade de gênero, mas também a

desigualdades sociais, econômicas, regionais, entre outras, ajudando a compreender as vivências de bixas pretas e homens trans negros fora dos referenciais da branquitude. A partir dessa perspectiva, desafiam narrativas sobre o ativismo LGBTQ+, ainda bastante disseminadas, centradas em um espectro de atores e formas de ação bastante restrito, limitado às camadas médias brancas dos grandes centros urbanos do país, enquanto nos mobilizam a reconstruir a história das lutas coletivas a partir de outros marcos fundacionais, agentes e projetos políticos. Nesse sentido, produzem elaborações dos sujeitos políticos que articulam simultaneamente dimensões raciais, sexuais e de gênero, enquanto apontam para horizontes que projetam transformações societárias mais amplas.

A partir dessas e muitas outras referências, se constituem investimentos de pesquisa e reflexões teóricas muito variadas, das quais temos aqui uma pequena amostra. O dossiê já começa na capa da revista, que expõe a pintura do artista Zayre Ferro, obra originalmente pintada em acrílica e tinta óleo sobre madeirite e adaptada para esta edição. A pintura tem nome de “*Jesus Cria*”, que retrata um poema que fala sobre como homens negros não se percebem na imagem de um Jesus Branco, mas sim na imagem de um orixá:

*Ele não se via na imagem do branco de mãos pregada
Mais se via na imagem de um orixá que rastejava
Através de divindades que dançava
Que até no luto festejava
Em suas rezas ele dizia
Cadê o Jesus Cria?
(FERRO, Zayre; 2022)*

Através da arte que estampa nossa capa, Zayre nos ajuda a visibilizar as diversas formas com as quais homens negros podem ser e estar no mundo.

Logo em seguida, temos a entrevista do cientista político Marcelo Caetano, feita por Leonardo Peçanha. Poeta e apaixonado pela cultura hip hop, o santista que reside

em Brasília é também conhecido pelo seu discurso de formatura onde denunciou as estruturas racistas e transfóbicas dos ambientes institucionais acadêmicos. Caetano fomenta discussões enquanto homem negro trans e traz reflexões pensando na agenda transmasculina negra brasileira. Temas como saúde, empregabilidade, cotas, racismo e transfobia são alguns dos assuntos que ele contextualiza através de sua trajetória, em conjunto com as demais transmasculinidades negras brasileiras. Assim, ele ajuda a pensar uma agenda transmasculina negra no Brasil.

Abrindo a sequência de artigos temos *Masculinidades negras em disputa: um olhar sob masculinidades, raça e classe social no cotidiano escolar*, em que Paulo Melgaço discute sobre a experiência de meninos negros no cotidiano escolar, como adolescentes negros constroem suas masculinidades nesse contexto e os impactos que essas interações podem ter em relação a ser um jovem negro na escola. Dialogando de forma interseccional com demais marcadores da diferença, Melgaço finaliza chamando atenção para a ausência de políticas públicas voltadas para esse público.

Em "Bicha preta favelada": os marcadores interseccionais na construção da identidade psicossocial, Maria Moreira e Breno Figueiredo fazem uma análise, a partir da Psicologia Social Crítica, de como se dão os processos de construção identitária desses sujeitos. Além de pesquisa bibliográfica, o artigo traz relatos de duas bichas pretas universitárias que ilustram como a interseccionalidade é uma ferramenta importante na construção identitária e na manutenção de estratégias de resistência às opressões vividas por esse grupo.

O artigo *Suicídio e Masculinidades: Reflexões sobre a dialética da vida e morte de homens negros*, escrito por Paulo Vitor Palma Navasconi, tem o objetivo de refletir sobre o quanto as estruturas de poder, centralizadas no ideal patriarcal, corroboram o adoecimento e passam a ser um fator de risco para o fenômeno do suicídio, sobretudo, de corpos negros. O autor busca refletir sobre como adolescentes e jovens negros

passam por um silenciamento que permite o não reconhecimento de suas identidades que, juntamente com o racismo, leva a um não valor dessas jovens vidas.

Em seu ensaio *Tribalismos digitais afrocentrados: Streamings, documentários e protagonismos de bichas pretas*, Diego Cotta busca, através do ambiente midiático de três documentários biográficos, explicitar como é possível constituir um espaço de cura para bichas pretas, sendo elas mesmas as criadoras de seus repertórios e produzindo sentidos outros sobre si.

Já *O Pranto nas Masculinidades Negras: das águas de AmarElo que (de)moram nos olhos*, é o artigo escrito por Diogo Soares, Laura Quadro e Amana Mattos, visa refletir sobre racismo estrutural e processos de subjetivação a partir do diálogo entre dispositivos artísticos e estudos em Psicologia Social. Para isso, se debruçam sobre o encontro entre o álbum *AmarElo*, de Emicida, e da poesia “Das águas que (de)moram nos olhos dele”, de Diogo Soares. Como referencial teórico, o feminismo interseccional ajuda a mostrar as torções que as criações artísticas podem impactar nas subjetividades das masculinidades negras frente ao racismo, reforçando assim estereótipos.

Por que bichas pretas incomodam? Um estudo teórico-crítico sobre Masculinidades e Subjetividade Social na perspectiva Cultural-Histórica, escrito por Victor Meireles e Norma Ferrarini, utiliza a perspectiva da Psicologia Cultural-Histórica e do materialismo histórico e dialético para refletir sobre como as masculinidades dissidentes racializadas desestabilizam as normas binárias e cisheteronormativas e raciais comparada ao contexto hegemônico.

Natanael Silva colabora com o artigo *Intersecções do e no masculino: subalternização e vulnerabilidades das masculinidades negras*, onde o principal objetivo é refletir sobre os processos de subalternização e vulnerabilidade das masculinidades negras. Usa os estudos *Desigualdades Sociais por Cor e Raça no Brasil* e o *Atlas da Violência* para fazer a análise, chegando à conclusão de que justiça social e políticas públicas são fundamentais para minimizar tais vulnerabilidades sociais.

Tamis Porfirio assina o ensaio *Masculinidades e paternidades negras em Um limite entre nós*. A autora resgata a obra *Um limite entre nós* – no original, em inglês, *Fences* – de August Wilson, para pensar sobre o campo das masculinidades e paternidades negras. O objetivo é fazer uma análise da peça, observando como o personagem principal Troy Maxson, um homem negro de meia-idade e patriarca de uma família negra que vive em uma cidade industrial urbana dos Estados Unidos, se relaciona enquanto homem na sociedade observando também seus processos de subalternos de masculinidade.

O dossiê fecha com as resenhas *Hip-Hop Beats: refletindo masculinidades negras por meio da arte*, de Daniel Péricles Arruda e *A masculinidade gangsta e seus contornos*, de Henrique Restier da Costa Souza, que analisam obras artísticas que tratam dos desafios na construção e representação de homens negros.

A partir desses múltiplos aportes, o objetivo deste dossiê foi justamente criar um espaço de troca e divulgação de pesquisas e reflexões produzidas no ponto de articulação entre raça, gênero e sexualidade para pensar a construção social das múltiplas masculinidades negras. Reflexões que nos ajudam a desnudar as diferentes desigualdades e discriminações vividas por homens negros, mas que sejam também capazes de compreendê-los, para além da falta, em sua potência.

Referências

- ARRUDA, Daniel Péricles. Hip-Hop Beats: refletindo masculinidades negras por meio da arte. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.330-338, 2021.
- CAETANO, Marcelo; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Atualizando as reflexões transmasculinas negras brasileiras: Entrevista com o cientista político Marcelo Caetano. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.13-42, 2021.
- COTTA, Diego. Tribalismos digitais afrocentrados: Streamings, documentários e protagonismos de bichas pretas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.123-145, 2021.
- MEIRELES, Victor Hugo Brandão; FERRARINI, Norma da Luz. Por que bichas pretas incomodam? Um estudo teórico-crítico sobre Masculinidades e Subjetividade Social na perspectiva Cultural-Histórica. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.171-200, 2021.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; FIGUEIREDO, Breno Stefano Martins. “Bicha preta favelada”: os marcadores interseccionais na construção da identidade psicossocial. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.70-96, 2021.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. Suicídio e masculinidades: Reflexões sobre a dialética da vida e morte de homens negros. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.97-122, 2021.

PORFÍRIO, Tamis. Masculinidades e paternidades negras em Um limite entre nós. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.230-256, 2021.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Masculinidades negras em disputa: um olhar sob masculinidades, raça e classe social no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.43-69, 2021.

SILVA, Natanael de Freitas. Intersecções do e no masculino: subalternização e vulnerabilidades das masculinidades negras. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.201-229, 2021.

SOARES, Diego Carvalho de Oliveira; QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MATTOS, Amana Rocha. O Pranto nas Masculinidades Negras: das águas de AmarElo que (de)moram nos olhos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.146-160, 2021.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. A masculinidade gangsta e seus contornos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p.339-346, 2021.